



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS
DEPARTAMENTO DE LETRAS**



AMANDA APARECIDA DE CARVALHO

**CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LITERATURA DE PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL II E DO ENSINO MÉDIO: DOCUMENTOS CURRICULARES E
PRÁTICAS DE SALA DE AULA**

MARIANA – MG

2025

Amanda Aparecida de Carvalho

**CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LITERATURA DE PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL II E DO ENSINO MÉDIO: DOCUMENTOS CURRICULARES E
PRÁTICAS DE SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
do Instituto de Ciências Humanas e
Sociais da Universidade Federal de Ouro
Preto para obtenção do título de
Licenciada em Letras – Português.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Cristina Lima
Lages.

MARIANA – MG

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C331c Carvalho, Amanda Aparecida de.
Concepções de ensino de literatura de professores do ensino fundamental II e do ensino médio [manuscrito]: documentos curriculares e práticas de sala de aula. / Amanda Aparecida de Carvalho. - 2025. 29 f.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Cristina Lima Lages.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Letras Português

1. Literatura - Estudo e ensino. 2. Professores - Formação. 3. Ensino fundamental. 4. Ensino médio. I. Lages, Rita Cristina Lima. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 82:37.091.4

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Aparecida de Carvalho

Concepções de Ensino de Literatura de Professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio: Documentos curriculares e práticas de sala de aula

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português

Aprovada em 20 de agosto de 2025.

Membros da banca

Dra. Rita Cristina Lima Lages - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Adilson Antônio Barbosa Júnior - Universidade Federal de Minas Gerais
Dr. Sebastião Lindoberg da Silva Campos - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Dra. Rita Cristina Lima Lages orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 11 de setembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Rita Cristina Lima Lages, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/09/2025, às 19:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0976823** e o código CRC **4BCE37A0**.

RESUMO

O estudo sobre as concepções de ensino de literatura de professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio aborda as perspectivas e as práticas pedagógicas utilizadas por esses educadores, com foco em como os documentos curriculares influenciam as práticas de sala de aula. A pesquisa busca compreender como as concepções de ensino de literatura se manifestam tanto nos documentos oficiais (currículos e diretrizes pedagógicas) quanto nas ações dos professores no cotidiano escolar. O principal objetivo deste estudo é analisar as concepções de ensino de literatura de professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, identificando as influências dos documentos curriculares nas práticas pedagógicas desses profissionais. Além disso, busca-se entender como essas concepções se concretizam nas aulas de literatura, verificando se as diretrizes curriculares são efetivamente aplicadas pelos professores no processo de ensino-aprendizagem. A fundamentação teórica deu-se a partir dos autores Silva (1993), Zilberman (1995), Bamberger (1995), Martinelli (1994), Micheletti (2002), Freire (2008), Paulino (2001), Martins (1986), Bastos (1982) e Terry Eagleton (2006).

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Formação de Professores; Ensino Fundamental II; Ensino Médio.

ABSTRACT

The study on the conceptions of literature teaching among lower and upper secondary school teachers addresses the perspectives and pedagogical practices used by these educators, focusing on how curriculum documents influence classroom practices. The research aims to understand how conceptions of literature teaching are reflected both in official documents (curricula and pedagogical guidelines) and in the everyday actions of teachers within the school environment. The main objective of this study is to analyze the conceptions of literature teaching held by lower and upper secondary school teachers, identifying the influence of curriculum documents on these professionals' pedagogical practices. Furthermore, it seeks to understand how these conceptions are realized in literature classes, verifying whether the curricular guidelines are effectively applied by teachers in the teaching-learning process. The theoretical framework is based on the works of Silva (1993), Zilberman (1995), Bamberger (1995), Martinelli (1994), Micheletti (2002), Freire (2008), Paulino (2001), Martins (1986), Bastos (1982), and Terry Eagleton (2006).

Keywords: Literature Teaching; Teacher Training; Lower Secondary Education; Upper Secondary Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	9
3	PERCURSO DE PESQUISA SOBRE A LITERATURA	11
3.1	Conceito de Literatura	11
3.2	Lei de Diretrizes e Base, Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações curriculares nacional e Base Nacional Comum Curricular	12
4	EDUCAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE	17
4.1	A contribuição do professor de literatura no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio	19
4.2	Formação de leitores críticos e questionadores	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O ensino de literatura ocupa um papel essencial na formação crítica, estética e cultural dos sujeitos, contribuindo também para o desenvolvimento de competências linguísticas, interpretativas e reflexivas. Considerando o contexto escolar e a escola como locus principal dessa formação, a maneira como os professores compreendem e colocam em prática o ensino literário está diretamente relacionada às suas concepções sobre a função da literatura na escola, bem como às orientações presentes nos documentos curriculares oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental e Ensino Médio – BNCC (Brasil, 2018) e os currículos das redes de ensino estaduais e municipais.

Nos últimos anos, as reformas educacionais e as mudanças nas políticas públicas têm influenciado diretamente o modo como a literatura é abordada em sala de aula, exigindo dos docentes um constante processo de adaptação e reflexão sobre suas práticas. Ao mesmo tempo, observa-se uma tensão entre o ensino pautado por objetivos utilitaristas, voltado para o desenvolvimento de habilidades, e uma abordagem que valorize a dimensão estética e formadora da literatura.

Esta pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa, com base em revisão documental, a fim de identificar os principais discursos e estratégias que orientam o ensino de literatura nesses segmentos. Ao trazer à tona essas práticas, pretende-se contribuir para o debate sobre o papel da literatura na formação leitora e para o fortalecimento de políticas e ações que valorizem o ensino literário na educação básica.

Diante desse cenário, torna-se relevante investigar quais concepções de ensino de literatura permeiam o trabalho de professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, considerando tanto as diretrizes presentes nos documentos curriculares quanto as práticas efetivas desenvolvidas em sala de aula. Esta pesquisa tem como objetivo analisar essas concepções, buscando compreender de que forma os docentes articulam teoria e prática no processo de mediação da leitura literária com seus alunos.

Assim, conforme o exposto, delineou-se a seguinte questão de pesquisa: Qual lugar da literatura nos documentos oficiais e como os professores do Ensinos Fundamental II e Médio se apropriaram desse lugar nas suas práticas de ensino?

Para responder à questão posta, optou-se por um artigo de revisão bibliográfica e documental, de caráter qualitativo. Esta é definida como uma pesquisa que:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21).

Recorreu-se à BNCC (Brasil, 2018) e aos documentos orientadores legais disponibilizados pelo Estado de Minas Gerais, para a realização da pesquisa. Esta surgiu das inquietações originadas dos estágios supervisionados e do desejo de entender a metodologia de trabalho dos educadores na sala de aula ao trabalhar com Literatura no Ensino Fundamental II e Médio, seus princípios e suas propostas enquanto ferramenta para o ensino literário. Procurou-se compreender, no decorrer desta pesquisa, a possibilidade do alinhamento das metodologias utilizadas na sala de aula com as competências e as habilidades apresentadas na referida BNCC, bem como no Currículo Minas e o que ele apresenta para o ensino da Literatura nesses segmentos.

Tem-se, para o desenvolvimento da pesquisa, o seguinte objetivo geral: identificar e analisar quais são as concepções de literatura presentes nos documentos curriculares oficiais do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio e como essas concepções são apropriadas, pelos professores, em suas práticas de ensino. Além disso, para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Traçar um histórico, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da BNCC, sobre o ensino de literatura no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio;
- Identificar, via análise comparativa, mudanças ou rupturas nas concepções de ensino de literatura entre os documentos curriculares oficiais de ensino (PCNs e BNCC);
- Identificar e analisar como as concepções de ensino de literatura são apropriadas pelos professores do Ensino Fundamental II e Médio em suas práticas de ensino por meio de pesquisa bibliográfica.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica que auxilia na fundamentação e na formulação de temáticas por meio da abordagem do problema de pesquisa, questionando-se, neste caso em específico, métodos que podem incentivar os alunos a gostarem da leitura; que norteiem seu posicionamento para que sejam leitores capazes compreender a essência do texto, estabelecendo relações com o autor e preenchendo as lacunas que possivelmente possam surgir no ato de ler.

Com relação aos procedimentos adotados, tem-se a coleta dos dados. Para a obtenção do material, foi realizada, inicialmente, por meio de levantamento bibliográfico em fontes pré-determinadas, bases de dados como SciELO e LILACS. Além disso, realizou-se também buscas em bibliotecas virtuais com disponibilização de teses, dissertações e monografias correlacionadas ao tema. Nesse sentido, os principais descritores utilizados foram: “Literatura”. “Aluno”. “Desempenho Escolar”. “Habilidade de leitura”. “PCN”. “BNCC”.

Os temas abordados foram: definição de leitura, breve história sobre a leitura e o papel da leitura para desenvolvimento intelectual do aluno.

Inicialmente, houve a leitura exploratória do material selecionado, descartou-se os materiais pouco pertinentes, manteve-se os condizentes à proposta da temática. Após esse processo, houve a leitura seletiva dos materiais, aprofundando-se nas partes consideradas como importantes destes documentos. Realizado esse procedimento, houve a leitura analítica dos materiais elencados, ordenando-se e resumindo-se as informações contidas nas fontes. Ao final, houve a leitura interpretativa, articulando os dados encontrados sobre o tema.

Este estudo está organizado em cinco capítulos. Além desta Introdução, o segundo capítulo apresenta a justificativa desta pesquisa. O terceiro capítulo apresenta o percurso de pesquisa sobre a literatura e documentos oficiais de orientação curricular. O quarto capítulo discute a respeito dos conceitos de educação e trabalho docente e de sua prática para a formação de leitores críticos e questionadores, seguido das considerações finais que constituem o quinto capítulo.

2 JUSTIFICATIVA

A escolha da temática deste estudo tem por justificativa a minha experiência pessoal durante a minha trajetória como docente em formação. Observei, nos estágios, haver professores que gostam de trabalhar com a gramática e não trabalham muito com a literatura. Assim, a maioria dos professores em cujas salas de aula estagiei utiliza o texto literário como pretexto para o ensino de gramática. Também, durante as aulas, demora-se na apresentação do contexto histórico, das questões teóricas e biográficas, passando rapidamente pelo texto propriamente dito, esquecendo-se da fruição. Ainda, trabalha-se com fragmentos de obras, e não com elas por inteiro.

Desse modo, tenho como hipótese que a literatura perdeu um espaço muito grande nas grades curriculares das escolas ao ser integrada às aulas de Língua Portuguesa, pois, embora ela continue sendo um conteúdo, não é mais uma disciplina com uma ementa própria, horários próprios, professores próprios etc.

Em 1999, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) criticaram a bifurcação entre Literatura e Língua Portuguesa e propuseram a vinculação de ambas, observável no seguinte excerto, em que é situado o ensino de Língua Portuguesa:

A disciplina na LDB nº 5.692/71 vinha dicotomizada em Língua e Literatura (com ênfase na literatura brasileira). A divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares, reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo aulas específicas como se leitura/literatura, estudos gramaticais e produção de texto não tivessem relação entre si. Presenciamos situações em que o caderno do aluno era assim dividido. (Brasil, 1999, p. 16).

Em 2018, na Base Nacional Comum Curricular, atual documento normativo de ensino do país, a Literatura já efetivamente não aparece de forma individual, surgindo dentro do campo de atuação artístico-literário como um segmento do componente Língua Portuguesa.

Desse modo, ao apresentar o componente “Língua Portuguesa no ensino fundamental – anos finais”, a BNCC traz a seguinte disposição sobre o campo artístico literário, colocando a literatura como uma arte entre outras: “No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações

artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações” (Brasil, 2018, p. 138), fato contestável, visto que cada arte possui, como objeto de ensino, as suas próprias especificidades.

Um outro aspecto problemático é que, conforme Ipiranga (2019, p. 106): “Das quase 600 páginas do documento da BNCC, quatro são dedicadas à literatura, o que evidencia o papel menor que vem sendo dado ao seu ensino”. Em números, quatro páginas destinadas para o campo artístico-literário configuram-se em cerca de apenas 0,67% da totalidade, um espaço definitivamente insuficiente para abranger todas as peculiaridades do ensino de literatura.

A finalidade deste trabalho é fornecer uma análise crítica sobre a implementação dos documentos curriculares nas práticas de ensino de literatura no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, buscando identificar possíveis lacunas entre o que está preconizado nos documentos oficiais e o que efetivamente ocorre na sala de aula. Dessa forma, pretende-se contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas no ensino de literatura, oferecendo subsídios para a formação contínua de professores.

Pretende-se, por meio desta pesquisa, analisar o lugar da literatura nos documentos oficiais e se isso interfere no modo como os professores ensinam, nos conteúdos lecionados, nas concepções de ensino etc. Isto é, através de uma perspectiva histórica e atual, pretende-se entender como as mudanças em relação ao espaço da literatura nos documentos oficiais afetaram a prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, visto que é cobrado que o trabalho docente seja baseado nesses documentos.

A partir disso, visa-se, através desta pesquisa, contribuir para a área da teoria de ensino de literatura e, conseqüentemente, para a melhoria do ensino de literatura do país que, como dito anteriormente, está sendo deixado em segundo plano. Desse modo, é possível dizer que os resultados desta pesquisa possuirão relevância tanto social quanto científica.

3 PERCURSO DE PESQUISA SOBRE A LITERATURA

Nesta seção, será apresentado o percurso de pesquisa desenvolvido em torno da literatura como objeto de estudo, considerando seus múltiplos significados, funções sociais e potencial formativo. A investigação parte do reconhecimento da literatura não apenas como expressão artística, mas como espaço privilegiado para a construção de sentidos, identidades e memória coletiva.

Ao longo dos tópicos a seguir, serão exploradas as abordagens teóricas que fundamentam o estudo, os caminhos metodológicos escolhidos e os principais autores e obras que contribuíram para a delimitação do tema. Essa reflexão busca evidenciar como a literatura pode ser compreendida em sua dimensão estética, histórica e subjetiva, especialmente em contextos educativos e culturais diversos.

3.1 Conceito de Literatura

A definição de literatura tem sido objeto de reflexão ao longo do tempo, assumindo diferentes contornos conforme as mudanças culturais, sociais, estéticas e filosóficas. De modo geral, pode-se entender a literatura como uma manifestação artística da linguagem, caracterizada pela intencionalidade estética e pelo uso expressivo da palavra. Ela vai além da simples comunicação utilitária, explorando os múltiplos sentidos da linguagem e possibilitando ao leitor uma experiência singular com o texto.

Do ponto de vista teórico, autores como Antônio Candido (2004) destacam que a literatura é uma forma de humanização, pois promove o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e do pensamento crítico. Para o autor, ela desempenha uma função social, ao mesmo tempo em que estimula o imaginário e a reflexão sobre a condição humana. Já Terry Eagleton (2006) argumenta que não há uma definição única de literatura, visto que seu significado varia conforme o contexto histórico e ideológico. Para ele, o que se considera "literário" depende das convenções e dos valores de determinada sociedade.

No âmbito escolar, a literatura adquire um papel educativo que vai além da leitura mecânica ou informativa. Quando bem explorada, ela contribui para a formação leitora, para o desenvolvimento da linguagem e para a ampliação da visão de mundo dos alunos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) reconhece

a importância da literatura na formação integral do estudante, destacando sua contribuição para a formação ética, estética e cultural.

Portanto, compreender o conceito de literatura e suas múltiplas dimensões é fundamental para refletir sobre seu lugar na escola, especialmente no Ensino Fundamental II, onde se intensifica o contato dos estudantes com obras literárias e no Ensino Médio, no qual essas obras passam a ser mais complexas e diversificadas. O modo como os professores concebem a literatura impacta diretamente suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, a relação que os alunos estabelecem com o texto literário.

3.2 Leis de Diretrizes e Base, Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações curriculares nacional e Base Nacional Comum Curricular

O segundo documento mais importante da educação brasileira, estando abaixo apenas da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, Lei nº 9.394/1996, que não trata especificamente das disciplinas curriculares ou seus conteúdos, mas trata da educação de uma forma abrangente, elencando mecanismos que possibilitam os sistemas de educação se viabilizarem. É a partir dela que se desdobram todos os outros documentos relacionados à educação. Desses mencionamos, os PCNs de 1997, que se referem aos quatro primeiros anos da educação básica, que então, compunham o início do Ensino Fundamental, divididos em 1º ciclo (1ª e 2ª séries) e 2º ciclo (3ª e 4ª séries). Nesse documento, não é tratado com ênfase o ensino de Literatura, apenas é rapidamente enfatizada a especificidade do texto literário, afirmando que “(...) é importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento” (Brasil, 1997, p. 29).

Já ao ensino da leitura é dado mais atenção, até mesmo indicando métodos, tais como: leitura colaborativa, rodas de leitura e atividades de leituras permanentes. O que é compreensível, pois, nessa etapa do aprendizado, os alunos estariam iniciando a aquisição da leitura.

Em 1998, foram apresentados os PCNs para os anos finais do Ensino Fundamental, que compreendiam o 3º ciclo (5ª e 6ª séries) e 4º ciclo (7ª e 8ª séries). Também nesse documento não há uma designação específica para o ensino de

literatura, ao longo do seu texto, a Literatura é citada, mas como pano de fundo para a formação de leitores e não como área com suas especificidades. Obviamente que para se tratar de literatura não é necessário ter um tópico especificamente sobre ela, poderia muito bem estar contemplada e permear todo o texto, porém não é o que acontece. Entretanto o rádio e a televisão ganham ênfase no ensino de Língua Portuguesa, a ponto de constituírem um subtítulo. Também, nesse sentido, seria no mínimo coerente que a Literatura também estivesse em destaque.

Embora não se trate de valoração quantitativa de um gênero textual e discursivo sobre o outro, vale ressaltar a ênfase dada ao rádio e a televisão enquanto possibilidades pedagógicas, em detrimento às possibilidades interdiscursivas proporcionadas pelo estudo da literatura em sala de aula, talvez pelo caráter de obviedade, no entanto, segue esquecido pela redação oficial do referido documento. Já nos PCNs de 2000, que tratam especificamente do Ensino Médio, há uma forte argumentação no sentido de não haver uma cisão entre Língua Portuguesa e Literatura, esse documento ainda traz uma “situação de sala de aula”, como é descrita, na qual é solicitado a opinião dos alunos sobre o escritos Carlos Drummond de Andrade, que responderam: “Drummond é literato porque vocês afirmam que é, eu não concordo. Acho ele chato. Por que Zé Ramalho não é literatura? Ambos são poetas, não é verdade?” (Brasil, 2000, p. 17). Essa situação é descrita como real e é usada para exemplificar a forma de ensino da disciplina de Literatura no Ensino Médio.

Porém não é mencionado quantos alunos participaram desse debate, a qual ano do Ensino Médio pertenciam ou se esse debate foi realizado em outras escolas. Enfim, não é mensurado o corpus da situação apresentada em seu caráter científico. Tomando o exemplo do texto acima, que se refere a um aluno que diz que acha “Drummond chato”, ao professor é possível se furtar de tratar sobre esse poeta devido ao que o aluno acha ou explicar que a música e a literatura são duas manifestações artísticas diferentes e que a música (ou poema-canção) pode ter poesia, mas não se trata do gênero poema simplesmente. Para entender melhor, pode-se lembrar Todorov (2009), que afirma:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho do conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural.

Entretanto, em nenhum caso o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é seu fim. (Todorov, 2009, p. 31).

Para o aluno compreender a relação, por exemplo, entre música, poema e poesia e, para isso, ter conhecimento dos conceitos de gêneros discursivos, linguagem subjetiva, figuras de linguagem e literatura, que servirão para auxiliá-lo nesse processo. E para isso, deve-se partir do estudo da obra. Dessa forma, o aluno poderá se apropriar dela com mais segurança, porque terá os princípios necessários da teoria para uma leitura mais fundamentada e aprofundada. Literatura e Língua Portuguesa não devem ser trabalhadas de forma encapsulada, modularizada, segmentada, como ressaltam os PCNs de 2000 para o ensino médio, uma vez que existem intersecções entre elas que não podem ser dissociadas.

Por exemplo, como entender os tipos de rima nos poemas, sem compreender os conceitos de classes de palavras? Ou como entender o conceito de sílaba poética, sem ter o conceito de sílaba gramatical? Por tanto, é muito benéfico tanto para os alunos como para as próprias disciplinas essa relação interdisciplinar entre Língua Portuguesa e Literatura, no entanto, se elas possuem pontos de contato, também possuem especificidades que não podem ser ignoradas, sob pena de acabar incorrendo em uma demasiada diluição do conhecimento. Em 2002, foi lançado o PCN+, que tem a função de complementar o PCN de 2000, porém é possível perceber, em seu texto, que a literatura novamente, ou ainda, é vista como um meio para os alunos alcançarem habilidades textuais.

Vista dessa forma, a literatura deixa de ter a função de proporcionar ao aluno fruição estética e passa a ser um meio para que ele chegue às habilidades e às competências elencadas no documento. Com as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) de 2006, acontece um rompimento teórico na discussão do papel da literatura nos currículos escolares. Esse documento evidenciou uma crítica aos PCNs anteriores, dando à Literatura um espaço de discussão próprio, não mais estando inteiramente diluída nos conteúdos de Língua Portuguesa. Logo, no primeiro parágrafo do capítulo destinado a discutir os “Conhecimentos de Literatura”, evidencia-se essa preocupação:

As orientações que se seguem têm sua justificativa no fato de que os PCN do ensino médio, ao incorporarem no estudo da linguagem os conteúdos de Literatura, passaram ao largo dos debates que o ensino de tal disciplina

vem suscitando, além de negar a ela a autonomia e a especificidade que lhe são devidas.

Embora concordemos com o fato de que a Literatura seja um modo discursivo entre vários (o jornalístico, o científico, o coloquial etc.), o discurso literário decorre, diferentemente dos outros, de um modo de construção que vai além das elaborações linguísticas usuais, porque de todos os modos discursivos é o menos pragmático, o que menos visa a aplicações práticas. (Brasil, 2006, p. 49).

Dessa forma, a literatura recuperou a especificidade como disciplina, apesar da não autonomia, novamente foram reestabelecidos os limites que permitem a ela compor o grupo das artes, e a ser estudada respeitando o que lhe é próprio. O documento também ressalta que a literatura, até há pouco tempo era uma forma de distinção, era um marcador social ler Machado de Assis, José de Alencar, dentre outros. Não se questionava se deveria ou não existir o ensino de literatura, mas, com o avanço do mercado e com a necessidade de mão de obra, floresce o ensino tecnicista para atender esse mercado em questão e com ele as artes acabam sendo suprimidas. As OCNs justificam a permanência da Literatura nos currículos escolares também por seu caráter de humanização, citando inclusive Candido (1995), defensor desse aspecto que a Literatura possibilita desenvolver nas pessoas, à medida que as ajuda a compreenderem a si próprias e o outro. Nessa mesma linha de raciocínio é possível citar Todorov (2009):

A literatura pode muito. Ela pode nos entender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro para fora. (Todorov, 2009, p. 76).

E esse poder transformador ao qual o autor se refere é a humanização, da qual Antônio Candido fala, quando afirma que “ela [a literatura] é fator indispensável de humanização” (Candido, 1995, p. 243). Então, é primordial ver a Literatura como uma das mais promissoras formas de imergir os alunos nesse campo que constitui a produção cultural da humanidade. As OCNs, além de chamarem a atenção da importância da literatura, ressaltam a importância do letramento literário dos alunos. Logo, um dos meios mais profundos de propiciar a compreensão da importância da obra literária por parte dos alunos é o letramento literário, dessa forma eles realmente poderão se apropriar de forma efetiva do que estão lendo.

No referido documento, o letramento literário é definido “[...] como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o” (Brasil, 2006, p. 55), ou seja, não basta que o aluno leia a obra, mas que ele a signifique e ressignifique. Ele deve se apropriar da obra e ter condições de fruí-la, percebendo a estética do texto literário, tão diversa de outros, com seus rearranjos sintáticos, jogos fonológicos e semânticos.

O ensino da Literatura, segundo o Currículo Minas (2018), no Ensino Médio, deve proporcionar ao aluno oportunidades, para que ele possa consolidar e aprofundar as diversas habilidades de linguagem com o intuito de ampliar a compreensão de mundo dos alunos. Além de promover as formas de sua participação e sua interação social com diferentes culturas juvenis. Ainda de acordo com o documento orientador, é possível, novamente, reafirmar sobre a importância da formação cidadã. Formar um aluno promovendo seu engajamento e estimulando seu senso crítico diante das possibilidades de interpretação de sua própria realidade.

4 EDUCAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE

Não há como abordar sobre ensino sem abordar as práticas de professores, pois a maneira como um professor ensina interfere diretamente na forma como os alunos recebem, compreendem e se envolvem nas aulas.

A educação, enquanto prática social e histórica, ultrapassa os limites da escolarização e se configura como um processo amplo de formação humana. Para Paulo Freire (1996), educar é um ato político e libertador, que envolve diálogo, criticidade e consciência do mundo. A educação, portanto, não se restringe à transmissão de conteúdos, mas promove a construção do conhecimento em interação com o contexto social, cultural e afetivo do educando.

Segundo Libâneo (2013), “a educação formal, realizada intencionalmente nas instituições escolares, visa o desenvolvimento integral do ser humano, proporcionando-lhe condições de participar ativamente da vida em sociedade”. Essa concepção valoriza tanto os aspectos cognitivos quanto os éticos, estéticos e sociais da formação dos indivíduos.

Dentro desse contexto, o trabalho docente ocupa um papel central. O professor não é apenas um transmissor de saberes, mas um mediador do processo de aprendizagem, responsável por organizar situações pedagógicas que possibilitem a construção do conhecimento pelos alunos. O trabalho docente é, portanto, uma prática intencional, planejada e ética, marcada por desafios teóricos, didáticos e políticos.

Assim como afirma Saviani (2007);

O homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. (Saviani, 2007, p. 154).

O processo feito pelo homem para assegurar a produção de sua existência é denominado trabalho material. Para que tal processo ocorra, o homem necessita primeiramente mentalizar suas ideias e ações, sendo que, para isso, ele utiliza de seus conhecimentos prévios sobre o mundo real e sobre os valores éticos que fazem parte de sua cultura.

Para Tardif (2002), o trabalho docente é constituído por um saber plural, resultado da articulação entre diferentes fontes: a formação acadêmica, a experiência profissional, o conhecimento do cotidiano escolar e as relações com a cultura e a comunidade. O autor destaca que o saber docente é um saber prático e contextualizado, que se constrói no fazer e no refletir sobre esse fazer.

Além disso, o trabalho do professor está diretamente vinculado às condições objetivas da escola, às políticas educacionais e aos documentos curriculares, como a BNCC. Esses elementos orientam e, muitas vezes, limitam a autonomia docente, exigindo constante reflexão e posicionamento crítico frente às demandas do sistema educacional.

Dessa forma, compreender os conceitos de educação e de trabalho docente é fundamental para analisar as práticas escolares e, especialmente, o ensino de literatura no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio; também as concepções que os professores possuem sobre o ato de educar e sobre seu próprio trabalho influenciam diretamente as estratégias adotadas em sala de aula e o modo como os conteúdos são abordados com os estudantes.

Educar não significa simplesmente transmitir e/ou adquirir conhecimentos. Existe, no processo educativo, um arcabouço de representações de sociedade e de homem que se quer formar. Através da educação, as novas gerações adquirem os valores culturais e reproduzem ou transformam os códigos sociais de cada sociedade. Assim, não há um processo educativo asséptico de ideologias dominantes, sendo necessária a reflexão sobre o próprio sentido e o valor da educação para a sociedade (Luckesi, 1994; Saviane, 1985).

Analisa-se da multiplicidade de exemplares, as considerações de diversas formas nas quais o processo educacional vem ganhando crescente precaução dos professores. No entanto proveem de uma diferenciação satisfatoriamente estável, com o objetivo de planejar estratégias pedagógicas mais responsáveis em relação às necessidades dos estudantes, e parecem fornecer melhores oportunidades de aprendizado, dando assim, um novo sentido ao ensino alternativo (Lopes, 2002).

Segundo Jakobsohn (2003) os estilos de aprendizagem podem mudar ao longo do tempo, em função da maturidade do indivíduo. Nesse sentido, a forma na qual determinado aluno consegue assimilar o que está sendo ensinado ocorre de maneira distinta nas diferentes fases do desenvolvimento. Assim, é possível dizer que algumas metodologias aplicadas podem ser essenciais para um dado público,

enquanto não é para o outro. Portanto, é importante a observação das peculiaridades de cada turma e a definição de prioridades de ensino, pois isso é extremamente importante para a maior eficácia no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim é necessário analisar o que deve ser abordado com os alunos do Ensino Fundamental e o que deve ser abordado com os alunos do Ensino Médio, visto que esses indivíduos estão em fases diferentes de maturação e desenvolvimento.

4.1 A contribuição do professor de literatura no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio

Embora haja muita contribuição da Linguística Aplicada nas questões envolvendo o ensino do português, refratando novos modos de ser docente, pouco se observa, entretanto, pesquisas que investigam o ensino de literatura e da leitura do texto literário. Barbosa (2011, p. 155), considerando que os problemas apontados acerca da relação literatura e ensino, evidencia que prevalece, quando o tema aparece no fazer docente, o estudo de literatura em vez do estudo de textos literários na Educação Básica, por meio de atividades que têm como objeto de conhecimento apenas as escolas literárias, mais atreladas ao contexto histórico-cultural. Nesse contexto, apresentam-se sínteses da história da literatura, dos estilos de época, dos temas abordados e dos principais autores, além das atividades recorrentes de simples interpretação e análise dos elementos na narrativa. Isso sem que o aluno faça, ao menos, a leitura de obras, construindo significados a partir da mobilização de seus conhecimentos.

Logo, tendo o compartilhamento de experiência como uma metodologia, por meio de círculos e diálogos, essa perspectiva de ensino tem como objetivo principal letrar literariamente, tendo como conteúdo a “linguagem literária, compreendida como um repertório de textos e práticas de ler e produzir obras literárias” (Cosson, 2020, p. 183). Para Cosson (2020):

Se a literatura é uma linguagem que se configura como repertório e seu valor reside na experiência de sua multiplicidade, quanto mais desenvolvida for sua competência em manusear essa linguagem, maior será o conhecimento do repertório e mais consciente e consolidada será a experiência literária, isto é, a apropriação literária do texto literário. Desse raciocínio resulta que a promoção do

letramento literário na escola deve ter como objetivo desenvolver a competência literária do aluno (Cosson, 2020, p. 179).

A contribuição do professor de literatura ao ensinar a disciplina no Ensino Fundamental II e Médio vai muito além da simples transmissão de conhecimentos sobre textos literários. Seu papel é essencial no desenvolvimento das habilidades cognitivas, emocionais e sociais dos alunos. A literatura é uma ferramenta poderosa para formar cidadãos críticos, empáticos e criativos, além de ser um meio de estimular o gosto pela leitura e pela interpretação.

Ao discutir obras literárias, o professor incentiva os alunos a pensar criticamente sobre temas, personagens, enredos e o contexto social e histórico de cada obra. Isso os ajuda a desenvolver habilidades analíticas, a avaliar diferentes perspectivas e a questionar as realidades em que vivem. Assim, o professor pode utilizar a literatura para abordar questões sociais, culturais e políticas, como identidade, desigualdade, justiça, liberdade, entre outros, permitindo que os alunos desenvolvam uma visão mais crítica do mundo. Além disso, a literatura traz uma riqueza de vocabulário e expressões que ajudam os alunos a expandirem a sua compreensão de palavras, frases e estruturas textuais, essencial para o aprimoramento da leitura e da escrita.

Desse modo, cabe ao professor de literatura orientar os alunos na interpretação dos textos, ajudando-os a ir além do sentido literal, buscando significados mais profundos e construindo sua capacidade de entender diferentes camadas de um texto.

Considera-se, também, de acordo com Barbosa (2011),

quando se propõem práticas de ensino voltadas ao letramento literário, que as leituras sejam protagonizadas pelos alunos em uma construção subjetiva em que ele arquiteta e interpreta o texto a partir de vários conhecimentos: de mundo, enciclopédico, linguístico, discursivos/textuais e históricos. Trata-se, então, da leitura como construção de sentidos, em detrimento à concepção tradicional da literatura como um produto estanque a ser ensinado. (Barbosa, 2011, p. 155).

A literatura é um convite ao universo da imaginação. Ao ler ficção, poesia ou até mesmo narrativas não-ficcionais, os alunos são incentivados a criar imagens mentais e a explorar diferentes mundos, o que desenvolve sua criatividade.

Desse modo, além da leitura, o professor pode estimular os alunos a produzirem suas próprias narrativas, poemas e outras formas de expressão literária, o que fortalece sua capacidade criativa e a expressão pessoal.

Também podem ser trabalhadas a empatia e a compreensão emocional, por meio da identificação com personagens e/ou situações. As histórias literárias frequentemente exploram emoções humanas complexas, assim, os alunos podem se identificar com personagens e suas experiências, o que os ajuda a desenvolver empatia e compreender diferentes pontos de vista e vivências. Em decorrência disso, evidencia-se

[a] importância das experiências sociais em sua pluralidade e variados matizes ideológicos, para constituirmos diálogos potentes na escola e para além dela. Para que professores e alunos não sejam vozes silenciadas no processo educativo, cabe-nos considerar o compartilhamento coletivo das vivências em suas singularidades, bem como a oportunidade de espaços dialógicos no âmbito da escola, os quais façam circular experiências diversas e autorais (Carvalho, 2019, p. 21).

A literatura permite que os alunos explorem e expressem seus próprios sentimentos em relação a temas como amizade, amor, medo, superação, entre outros. Isso contribui para o desenvolvimento emocional dos estudantes e para a promoção da identidade e do autoconhecimento, através da valorização da cultura e da diversidade. Oferecendo uma janela para diferentes culturas, crenças e formas de viver, o professor pode usar a literatura para valorizar a diversidade, ajudando os alunos a entenderem a pluralidade de identidades e vivências no mundo.

Desse modo, a leitura de textos que abordam temas como pertencimento, identidade e autoestima pode incentivar os alunos a refletirem sobre sua própria identidade e a compreenderem melhor seu lugar no mundo. O que, de certa forma, pode servir como forma de estímulo ao gosto pela leitura e a possibilidade de construção de um hábito de leitura, pois, ao apresentar obras literárias de maneira envolvente e prazerosa, o docente pode despertar o interesse dos alunos por livros e histórias, incentivando-os a se tornarem leitores frequentes.

É fundamental que o professor de literatura procure cultivar nos alunos o gosto pela leitura. Para isso, torna-se necessário a diversificação de gêneros literários, ao trabalhar com diferentes gêneros, contos, crônicas, fábulas, romances, poesia, o professor amplia o repertório dos alunos e os incentiva a descobrir novos

estilos de leitura, expandindo os interesses e proporcionando compreensão de obras diversificadas.

Outro aspecto que se torna relevante nessa busca pela adesão dos alunos na aula de literatura é a integração interdisciplinar. Ao estabelecer conexões com outras áreas do conhecimento/disciplinas, como História, Geografia, Ciências e Arte, é permitido aos alunos explorarem conteúdos de diversas matérias de forma mais ampla e integrada, e a Literatura é um campo propício para esse tipo de trabalho pois, muitas vezes, as obras literárias abordam temas interdisciplinares.

Por exemplo, uma obra literária pode servir como forma de contextualização histórica e social. A literatura muitas vezes reflete e critica as condições sociais e históricas de uma época. Assim, é possível utilizar os textos literários como uma ponte para discutir eventos históricos, movimentos culturais e questões sociais, de forma interdisciplinar.

Compagnon (2009, p. 52) relata que:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita pela palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (Compagnon, 2009, p. 52).

Por esse motivo, as aulas de literatura muitas vezes envolvem debates e discussões, o que ajuda os alunos a desenvolverem habilidades de argumentação e escuta ativa. Eles aprendem a expor suas opiniões, ouvir a dos outros e respeitar pontos de vista divergentes, de maneira individual ou através do trabalho em equipe, visto que, o trabalhar em grupo também favorece o desenvolvimento de habilidades de colaboração e respeito mútuo.

Desse modo, é possível observar que o ensino de literatura vai muito além de simplesmente ensinar sobre os autores e obras. Ao ser capaz de integrar a literatura de forma significativa ao processo de ensino-aprendizagem, o professor desempenha um papel crucial na formação integral do aluno, preparando-o para ser um indivíduo mais reflexivo, criativo, empático e engajado com o mundo ao seu redor. Principalmente no que diz respeito ao Ensino Fundamental II, pois é uma fase propícia à introdução de novos saberes e conhecimentos, já que é iniciado

efetivamente o seu protagonismo, como apresentado no seguinte excerto da BNCC (2018):

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo, inclusive no contexto escolar, no qual se amplia o número de professores responsáveis por cada um dos componentes curriculares. Essa mudança em relação aos anos iniciais favorece não só o aprofundamento de conhecimentos relativos às áreas, como também o surgimento do desafio de aproximar esses múltiplos conhecimentos. A continuidade da formação para a autonomia se fortalece nessa etapa, na qual os jovens assumem maior protagonismo em práticas de linguagem realizadas dentro e fora da escola (Brasil, 2018, p. 136).

Assim, o professor de literatura exerce um papel importante na formação leitora, crítica e subjetiva dos estudantes. Mais do que apenas apresentar autores e obras, sua contribuição está em mediar o encontro entre o aluno e o texto literário, promovendo a construção de sentidos e o desenvolvimento da sensibilidade estética. Ao criar espaços de leitura, escuta e diálogo, o professor amplia o repertório cultural dos alunos e os convida a refletirem sobre si mesmos, sobre o outro e sobre o mundo. Além disso, sua atuação favorece a formação de leitores autônomos e conscientes, capazes de interpretar diferentes linguagens e contextos. Dessa forma, o ensino da literatura contribui significativamente para o desenvolvimento integral do aluno, articulando conhecimento, emoção, ética e criatividade.

4.2 Formação de leitores críticos e questionadores

A formação de leitores críticos e questionadores é um dos principais objetivos do ensino da leitura na escola, especialmente quando se trata da leitura literária. Em um contexto marcado por múltiplas linguagens, mídias e discursos, é fundamental que a escola contribua para o desenvolvimento de sujeitos capazes de interpretar, analisar e refletir criticamente sobre os textos e sobre o mundo.

Bamberger (1995), afirma que:

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo. (Bamberger, 1995, p. 11).

Portanto, ler não significa somente decodificar os códigos linguísticos, fazer junções e formar palavras, é muito mais que isso, é compreender, interpretar e ser capaz de formar opinião crítica sobre o que lê. Isto é, a leitura é a forma como o indivíduo pode interpretar os registros de ideias ou informações presentes nos livros, jornais e dos mais variados textos que circulam na sociedade.

Segundo Paulo Freire (2008), ler é um ato político que envolve a compreensão do texto e do contexto. Para ele, a leitura da palavra está intimamente ligada à leitura do mundo e o processo de alfabetização deve ser também um processo de conscientização. Nesse sentido, a leitura crítica ultrapassa o decodificar de signos gráficos e se torna uma prática de questionamento, de reflexão e de transformação da realidade.

Para Silva, (2005):

[...] a prática de leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (Silva, 2005, p. 24).

A literatura, como prática discursiva e estética, desempenha papel central na formação de leitores críticos. Ao propor múltiplas interpretações, desestabilizar certezas e provocar o imaginário, o texto literário convida o leitor a exercitar a empatia, a sensibilidade e o pensamento reflexivo. Para Rildo Cosson (2006), a leitura literária, quando mediada adequadamente, permite ao leitor perceber-se como sujeito histórico, ampliando sua visão de mundo e sua capacidade de intervenção social.

A BNCC (2018) reconhece a importância da leitura crítica e propõe o desenvolvimento de competências que envolvam o posicionamento ético, estético e político do aluno diante dos textos e das práticas sociais. A formação do leitor, portanto, deve ir além da mera decodificação ou do domínio técnico da leitura; ela deve favorecer a construção de sentidos, o diálogo com diferentes vozes culturais e a autonomia interpretativa.

Segundo Paulino (2001, p.156), “as leituras, em sua diversidade, mobilizam emoções, incitam reflexões, transmitem conhecimentos, envolvendo, como se viu, diferentes saberes. Se os textos se diversificam, também as leituras devem ser

diferentes”. Assim, a leitura em sala de aula deve ser variada, isto é, diferenciar quanto ao gênero: notícias de jornal, poemas, contos, poesias e tantos outros.

Nesse processo, o papel do professor é essencial. O docente atua como mediador entre o texto e o aluno, criando condições para que a leitura se torne uma experiência significativa, dialógica e provocadora. É por meio de práticas pedagógicas intencionais e reflexivas que o professor pode contribuir para a formação de leitores ativos, capazes de interrogar o texto, questionar valores e construir novos sentidos.

Assim, formar leitores críticos e questionadores implica em assumir uma perspectiva pedagógica que valorize a leitura como prática social, cultural e política, comprometida com a formação de sujeitos autônomos e conscientes de seu papel no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções dos educadores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio a respeito do ensino de literatura estão profundamente ligadas à interação entre a formação acadêmica e as práticas cotidianas de sala de aula. A partir da revisão bibliográfica e das observações feitas, pode-se concluir que as concepções dos professores são influenciadas, de maneira desigual, pelos documentos curriculares. Enquanto alguns professores conseguem adaptar as diretrizes curriculares à realidade de suas aulas, outros enfrentam dificuldades práticas que limitam a implementação eficaz desses documentos.

Observa-se que é possível desenvolver e planejar uma aula de literatura com as habilidades e competências da BNCC (Brasil, 2018), pois o ensino de literatura pode ser trabalhado através das abordagens mostradas, pois, além de promover a autonomia e a criticidade dos alunos, promove também um maior engajamento dos alunos com o seu próprio aprender na busca pelo conhecimento. Esse recurso, para os professores é muito positivo, pois os alunos se tornam protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Para tanto, as atividades propostas em sala de aula devem apresentar situações problemas e situações reais, a fim de gerar curiosidade, discussões, reflexão e pensamento crítico.

A revisão bibliográfica revelou que pesquisas anteriores apontam para uma tensão entre o que é recomendado nos currículos e as condições reais de ensino nas escolas. A literatura acadêmica sugere que os professores reconhecem a importância de diversificar os gêneros literários e de envolver os alunos com textos significativos, mas, muitas vezes, a prática pedagógica se limita à transmissão de conteúdos preestabelecidos, o que não atende plenamente às propostas inovadoras e inclusivas previstas nos documentos curriculares.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 23 out. 2024.

_____. **Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, 2000.

_____. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2002.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2006.

BARBOSA, B. T. **Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167 mar./ ago. 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília. MEC/SEESP, 2001.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. *In: Vários escritos*. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4208284/mod_resource/content/1/antoniocandido-o-direito-a-leitura.pdf.

CARVALHO, Letícia Queiroz de (Orgs.). **Metodologias Alternativas no Ensino de Letras e Humanidades**. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2019. p. 11-27.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, R. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 49 ed., São Paulo: Cortez, 2008.

IPIRANGA, Sarah. O Papel da Literatura na BNCC: Ensino, leitor, leitura e escola. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 38, p. 106–114, 2019. DOI: 10.36517/revletras.38.1.9. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/60020>. Acesso em: 24 fev. 2025.

JAKOBSON, Rachel. **Estilos de aprendizagem: reflexões e práticas na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAULINO, Graça. **Tipos de textos, modos de leitura**. São Paulo: Formato, 2001.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Conferências sobre leitura-trilogia pedagógica**. Campinas /SP: Autores Associados, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.